



## Artigos

# Dar uma pedalada fiscal ou marcar um gol de placa? Futebol e política no campo da fraseologia

## Dar uma pedalada fiscal or marcar um gol de placa? *Phraseology in Soccer and politics*

Carlene Ferreira Nunes Salvador<sup>1</sup>  
Davi Pereira de Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

*Este artigo, à luz da teoria fraseológica de Mejrí (1997; 2012), objetiva descrever e analisar fraseologismos no discurso político que remetem originalmente ao domínio do futebol, e vice-versa, mantendo ou ressignificando o sentido fraseológico em função do contexto de uso. Para tanto, utilizamos como corpora as pesquisas de Salvador (2017) e Souza (2018). Primeiramente, consultamos os dois repertórios lexicais, procurando identificar sequências que estivessem relacionadas a ambos os domínios em pauta. Posteriormente, isolamos 30 unidades e seus respectivos contextos, procedendo-se à análise sintática e semântica. Os resultados indicam que os dois domínios estão relacionados e se influem linguisticamente, sobretudo o discurso político que, apropriando-se de*

1. Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA. Belém – Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9403-1227>. E-mail: [carlene.salvador@ufra.edu.br](mailto:carlene.salvador@ufra.edu.br)

2. Instituto Federal do Pará - IFPA. Belém – Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-2753-5577>. E-mail: [davips312@gmail.com](mailto:davips312@gmail.com)



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

*sequências forjadas no domínio do futebol, mobiliza estratégias que buscam a persuasão do interlocutor, baseando-se na construção de uma identidade entre leitores (eleitores) e torcedores, considerando que o futebol representa, principalmente no Brasil, um elemento cultural significativo capaz de promover uma sensação patriótica de nacionalismo. Fraseologismos como baixar a bola, bola da vez, pisar na bola, campo político e pátria de chuteiras ilustram como futebol e política se cruzam no campo da fraseologia.*

**Palavras-chave:** *fraseologia; futebol; discurso político.*

## ABSTRACT

*This article, based on Meiri's phraseological theory (1997; 2012), aims to describe and analyze phraseologies in the political and soccer discourses, maintaining or reframing the phraseological meaning according to the context of use. To this end, we used the studies of Salvador (2017) and Souza (2018) as corpora. First, we consulted such studies to identify sequences that were related to both domains in question. Secondly, we isolated 30 phraseological units and their respective contexts and analyzed them syntactically and semantically. The results indicate that the two domains are related and influence each other linguistically. The political discourse uses sequences that are typical of the soccer discourse to implement strategies that seek to persuade the interlocutor, based on the construction of an identity between voters and fans, as in Brazil soccer is an important cultural product that promotes a patriotic sense of nationalism. Phraseologisms such as baixar a bola, bola da vez, pisar na bola, campo político and pátria de chuteiras illustrate how soccer and politics intersect in the field of phraseology.*

**Keywords:** *phraseology; soccer; political speech.*

## 1. Introdução

O Brasil, país de dimensão continental, é conhecido mundialmente sob muitos aspectos, relativos geralmente à sua fauna e flora, à biodiversidade amazônica, à diversidade étnico-racial, à sua multiculturalidade, dentre outros elementos. Desse mosaico de brasilidades, destacam-se, também, o futebol e a política que, ao longo dos anos, têm sido apresen-

tados, cada vez mais, como duas forças capazes de grande mobilização social, fazendo florescer grupos e torcidas que, não raramente, encenam acirradas disputas, contagiando crianças, jovens, adultos, idosos, homens e mulheres de todas as classes sociais. Muitas eleições políticas no país coincidem com eventos esportivos como a Copa do Mundo da Fifa de Futebol, propiciando um ambiente nem sempre amistoso no qual a política se nutre do sentimento nacionalista e patriótico dos cidadãos para enredar eleitores e torcedores, criando uma identidade entre essas duas dimensões. Entretanto, é a linguagem o principal mecanismo que favorece essa inter-relação, permitindo que futebol e política se cruzem, também, no campo da produção fraseológica.

*Quem nunca* em suas ações rotineiras *pisou na bola* ou *marcou um gol de placa*? O futebol, como se vê, além de ser considerado o *esporte das massas*, fornece aos demais domínios discursivos expressões próprias de seu campo de atuação. A produtividade de fraseologismos, tais como *pisar na bola*, *marcar um gol de placa*, *gol contra*, *bola dentro*, *de goleada*, é recorrente na fala dos brasileiros, não apenas nos estádios onde acontecem as partidas, estendendo-se ao registro escrito de outros universos discursivos. Ao pensarmos na possibilidade de aferirmos parte dessa produtividade, resolvemos, de posse dos *corpora* e após verificar que havia um movimento transitório de fraseologismos partindo do futebol para a política, cruzar os dados de nossas pesquisas.

Desse modo, delineamos que o presente artigo tem como objetivo descrever e analisar fraseologismos presentes no discurso político que remetem originalmente ao domínio do futebol, e vice-versa, mantendo ou ressignificando o sentido fraseológico em função do contexto de uso. Para tanto, cotejamos os dois repertórios lexicais e os *corpora* constituídos previamente em nossas pesquisas. Esse processo ocorreu de forma semiautomática, com auxílio do pacote de programas *WordSmith Tools* (Scott, 2008). Realizamos um levantamento inicial no glossário e no *corpus* sobre discurso político (Souza, 2018) e selecionamos 34 (trinta e quatro) fraseologismos, dos quais excluimos 4 (quatro) unidades que não remetiam propriamente ao futebol. Assim, a amostra utilizada neste artigo é composta de 30 fraseologismos que foram analisados à luz da vertente francesa da Fraseologia, a partir das contribuições de Mejeri (1997; 2012).

Para fins de organização textual, além desta introdução, estruturamos o artigo em três seções principais. Na primeira seção, apresentamos e discutimos a fundamentação teórica, explicando os conceitos e critérios adotados. Em seguida, descrevemos a metodologia utilizada, tanto em nossas pesquisas individuais, quanto neste trabalho especificamente. Na última seção, apresentamos e discutimos os resultados alcançados, descrevendo aspectos formais, semânticos e textuais relacionados aos fraseologismos em foco. Finalizamos com as conclusões e as referências.

## 2. Fundamentação teórica

Durante muito tempo, mesmo após o surgimento da Linguística como ciência moderna, a fraseologia ficou relegada a um fenômeno de imprecisa caracterização, comumente associada ao folclore, à oralidade e à informalidade, tendo sido tratada, sobretudo pela tradição lexicográfica e gramatical, de forma assistemática, figurando como subentradas nos dicionários e como unidades exóticas, semanticamente diferentes, nos compêndios gramaticais, não pertencentes a uma determinada classe de palavras. Todavia, com o desenvolvimento das pesquisas fraseológicas, num primeiro momento vinculadas à Lexicologia, e com o próprio desenvolvimento da Linguística, a fraseologia passou a ser vista como um fenômeno universal e central, presente nas línguas naturais (Mejri, 1997; 2012).

Na literatura da área, costuma-se ressaltar o caráter polissêmico e controverso do termo fraseologia (cf. Ortiz Alvarez, 2000; Barbosa, 2012; Monteiro-Plantin, 2014). Ele pode designar o conjunto de unidades fraseológicas, ou fraseologismos, de uma língua ou de uma especialidade. No primeiro caso, fala-se de fraseologia da língua geral, que pode ser fraseologia do português, do espanhol etc. No segundo caso, trata-se da fraseologia especializada, que reúne os fraseologismos típicos de um domínio especializado (fraseologia do corte bovino, fraseologia da aeronáutica, fraseologia jurídico-ambiental). Além disso, o referido termo pode ainda nomear a disciplina que se ocupa do estudo científico dessas unidades.

De acordo com Ortiz Alvarez (2000, p. 73), a fraseologia diz respeito à “combinação de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos”. Segundo a autora, essas combinatórias são unidades semânticas que possuem traços categoriais próprios, distinguindo-se das palavras e das combinações livres, podendo-se, então, falar de “um sistema fraseológico da língua” (Ortiz Alvarez, 2000, p. 75). A título de ilustração, observemos o caso do fraseologismo *bater boca*, usado pelo jornalista Ricardo Boechat, em coluna publicada no mês de dezembro de 2015, no *site* da revista *Época*:

O ex-presidente Lula não foi consultado sobre o pronunciamento feito por Dilma Rousseff logo após o anúncio de Eduardo Cunha, dando curso ao processo de impeachment. Não foi procurado tampouco gostou do tom utilizado. Para o manda chuva petista, a presidente só tem a perder <’batendo boca’> com o deputado fluminense” (RIRB15M12a)<sup>3</sup>.

Como se vê, o sintagma verbal *bater boca* apresenta uma estreita relação sintática e semântica entre os elementos que o compõem, não sendo possível chegar ao seu significado pelo processo da análise componencial, uma vez que ele não resulta da soma dos significados individuais das palavras *bater* e *boca*. Como se trata de um fraseologismo, ele funciona como uma unidade de sentido global, sendo evidente, neste caso, o traço metafórico e idiomático da sequência cujo significado é discutir, segundo o dicionário Aurélio (2004).

Ao defender a importância do estudo fraseológico, Ortiz Alvarez (2014) postula que:

[...] a fraseologia representa o que de mais característico existe no léxico de qualquer língua. As unidades que a compõem representam a visão de mundo de determinado povo, suas crenças, costumes e modo de compreender a vida e são empregadas de forma espontânea, principalmente na língua falada.

3. Para fins de sistematização e facilidade no tratamento do *corpus* de Souza (2018), o autor codificou os textos nos quais ocorrem os fraseologismos do seguinte modo: R de Revista ou J de Jornal + Iniciais do Primeiro e Segundo nome do articulista + Ano de publicação + M acompanhado do número relativo ao Mês da publicação + Vogal para indicar a ordem da semana em que saiu a publicação. Essa codificação é mencionada logo após o exemplo ao longo de todo o texto.

Estudá-las é compreender aspectos culturais, sociais e históricos de uma região e sociedade (Ortiz Alvarez, 2014, p. 12).

Desse modo, estudar a fraseologia de uma língua compreende não só realizar a análise estritamente linguística relativa à estrutura e ao funcionamento dessas unidades, como também o aspecto mais amplo no qual o seu uso se insere, considerando os contextos histórico, social, cultural e ideológico. Ao reconhecer a vitalidade da fraseologia, Silva (2014, p. 7) afirma que as unidades fraseológicas “[...] representam uma fonte inesgotável para o estudo das línguas (materna e estrangeira), para os estudos da tradução, para a fraseografia, dentre outros”. Por esse motivo, defende-se atualmente que a disciplina Fraseologia, embora autônoma em relação à Lexicologia, possui natureza interdisciplinar (Corpas Pastor, 2017).

Por sua vez, Monteiro-Plantin (2014) concebe as unidades fraseológicas, incluindo as sentenças proverbiais, expressões idiomáticas (EI), pragmatemas e fórmulas situacionais, colocações, locuções fixas, frases feitas, clichês e chavões, como:

[...] sequências linguísticas, constituídas por pelo menos dois elementos, que se apresentam de forma mais ou menos fixa, com certo grau de idiomaticidade, convencionalizadas pelo uso e que constituem a competência discursiva dos falantes que as utilizam em contextos precisos, ainda que de forma inconsciente. (Monteiro-Plantin, 2014, p. 122).

Nessa definição geral, Monteiro-Plantin (2014) sintetiza algumas das características mais salientes dos fraseologismos, a saber: polilexicalidade, fixidez, idiomaticidade e convencionalidade do uso. Importa ressaltar o aspecto gradual adotado pela autora no que se refere à fixidez e à idiomaticidade, pois, de fato, entendemos, baseados em Mejri (1997; 2012), que essas propriedades são escalares, dentro de uma visão de *continuum*. Isso significa dizer que, segundo a abordagem teórica adotada pela autora, nem todos os fraseologismos são totalmente opacos e fixos, havendo entre eles diferenças de gradação. Por exemplo, *plano de governo* e *pisar na bola* exibem níveis distintos de opacidade semântica, uma vez que o primeiro fraseologismo é mais transparente que o segundo, mais idiomático. Da mesma sorte, são igualmente distintas, quanto à fixidez, unidades como *pisar na*

Dar uma pedalada fiscal ou marcar um gol de placa?

*bola e pendurar as chuteiras*, ambos sintagmas verbais. Embora os verbos dos dois fraseologismos admitam flexão em número, pessoa e tempo, não é possível comutar o verbo *pisar* com outro sinônimo, como ocorre para o verbo *pendurar*, que pode ser substituído por *aposentar* (*aposentar as chuteiras*).

Já Corpas Pastor (1996), que é autora do manual de fraseologia espanhola, considera essas sequências como unidades lexicais que constituem grupos de palavras, formadas por no mínimo duas palavras gráficas, podendo chegar ao nível das orações compostas. A autora propõe uma tipologia para o estudo fraseológico que classifica as unidades fraseológicas em colocações, locuções e enunciados fraseológicos.

No âmbito da vertente francesa, Salah Mejri talvez hoje seja o autor mais influente que tem contribuído com os estudos em Fraseologia, propondo reorganização da terminologia da área e critérios objetivos de delimitação que permitem diferenciar as unidades fraseológicas das combinações livres. Para esse autor, a pluralidade designativa referente ao objeto da disciplina deve-se a três fatores: a) à herança das tradições gramaticais e lexicográficas, b) a abordagens teóricas específicas e c) à ênfase a uma ou a outra característica dos fraseologismos, como demonstrado no quadro 01, abaixo, extraído de Souza (2018).

**Quadro 1** – Organização dos paradigmas terminológicos relacionados aos resultados da *phraséologie* e do *figement*

<b>Crítérios de agrupamento</b>	<b>Paradigmas terminológicos</b>
Herdados da tradição gramatical e lexicográfica	Locução, expressão feita, <i>tournure</i> , galicismo
Marcados por abordagens teóricas específicas, como a teoria Sentido-Texto	Frasema, semi-locução, pragmatema
Privilegiam aspectos específicos, como: - o aspecto idiomático	Idiomaticidade, idiotismo, expressão idiomática
- o aspecto parêmico	Parêmia, provérbio, sentença, truísmo, expressão proverbial, máxima, dito, adágio, etc

Fonte: Souza (2018), adaptado de Mejri (2012).

Mejri (2012) explica que a fraseologia (*phraséologie*) é um fenômeno linguístico que se manifesta nas solidariedades sintagmáticas recorrentes, por meio da cristalização lexical (*figement*), processo pelo qual essas associações se combinam para formar os fraseologismos, isto é, as sequências fixas, de natureza polilexical, que constituem unidades do léxico (Mejri, 1997). Segundo o autor, o *figement* é universal, presente em todas as línguas vivas, ocorrendo independentemente da vontade dos falantes.

O autor tunisiano (Mejri, 1997; 2012) discorre sobre as principais características dos fraseologismos, como polilexicalidade, idiomaticidade, frequência de uso, previsibilidade sintagmática, dentre outras, adotando uma visão de *continuum* que contempla as unidades fraseológicas em sua complexidade estrutural. Inova, ao propor o cruzamento das noções de fixidez e de congruência no processo de identificação e delimitação das sequências cristalizadas.

*Grosso modo*, a polilexicalidade é a propriedade formal saliente dos fraseologismos. A partir dela, inicia-se o processo de identificação desse tipo de unidade, uma vez que se verifica desde a quantidade mínima de pelo menos dois itens lexicais *bola dentro/bola fora*, até estruturas mais extensas, *marcar um gol contra*. Embora o caráter polilexical seja uma condição para se ter um fraseologismo, nem toda sequência polilexical constitui um fraseologismo. Nesse caso, esse fator passa a assumir tanto um valor quantitativo quanto qualitativo, pois se torna necessária a distinção entre uma sequência polilexical fixa, o que caracteriza um fraseologismo, e uma sequência livre, em que os constituintes têm mais liberdade de movimentação dentro do sintagma.

Nesse processo de certificação, a polilexicalidade leva à verificação da fixidez das unidades fraseológicas. Considerada por Mejri (1997) como a característica mais importante dessas sequências, a forma cristalizada permite ao falante, ao mesmo tempo, reconhecer essas combinações e seu uso específico em contexto único e diverso. A fixidez, que pode ocorrer nos níveis morfossintático, sintático e semântico, tanto no eixo sintagmático quanto no eixo paradigmático, opera a regularidade da forma em que o fraseologismo se apresenta, impondo certas restrições combinatórias ao conjunto de palavras da unidade. Ao mesmo tempo, outro fator, a congruência, auxilia no processo de



aceitação dessas mesmas palavras dentro da sequência e estabelece o sentido que o fraseologismo terá nas diversas funções durante seu uso, adaptando a sequência polilexical às regras de formação e de uso da combinatória sintagmática. Desta forma, o cruzamento das noções de fixidez e de congruência permite delimitar as unidades fraseológicas, diferenciando-as das combinações ditas livres, preservando a estrutura sintático-semântica do fraseologismo, tornando-a fechada, coesa, e também o seu sentido fraseológico e seu uso pragmático.

Tão importantes quanto as três propriedades supracitadas são a frequência e a previsibilidade. Apesar de não termos usado esses critérios neste artigo, esses dois fatores revelam, respectivamente, a quantidade de vezes que um fraseologismo circula no sistema e o seu caráter previsível pelo qual o falante consegue identificar a ausência de algum elemento que convencionalmente integra a sequência. Ainda não é possível saber, em profundidade, quando uma palavra se aproxima da outra, porque esse é um processo natural que independe da vontade dos falantes, porém, tendo por base a frequência, é possível prever quais elementos se adequam à estrutura sintagmática.

Na lista das propriedades, a idiomaticidade configura, para Mejri (2012), um critério importante juntamente com a fixidez e a congruência. Esse aspecto é relevante quando se deseja verificar o grau do traço conotativo, figurado que o fraseologismo apresenta. Vejamos o caso de *jogar limpo* que, além de remeter, no futebol, ao bom jogo, ao jogo respeitoso entre as equipes, nos demais domínios, também é indicativo de agir com verdade e transparência. Para Ortiz Alvarez (2011), essa seria a característica mais evidente de uma unidade fraseológica, pois reflete marcas culturais, singularidades de um povo, o que lhe confere valor idiomático.

As propriedades listadas acima permitem identificar e descrever nuances dos fraseologismos, mesmo não sendo essa uma tarefa tão simples quanto parece, uma vez que cada unidade é posta à prova pelo menos seis vezes e, para que seja classificada como tal, deve ter pelo menos três desses traços. Na seção seguinte estão descritos os passos assumidos na certificação das unidades sob análise.

### 3. Metodologia

Nesta seção, estão dispostas as etapas de constituição das amostras utilizadas para a realização deste artigo, as quais são baseadas, como dito na parte introdutória, nas pesquisas desenvolvidas por Salvador (2017) e Souza (2018). Esses autores trataram do aspecto fraseológico presente em dois *corpora* cujas temáticas versam sobre futebol e política, respectivamente. Da mesma sorte, apresentamos, também, as escolhas metodológicas adotadas na feitura deste recorte.

Para a constituição de sua amostra, Salvador (2017) procedeu à coleta de dados escritos, selecionados a partir de jornais populares, digitais, em formato de tabloide, que circulam em cinco capitais de estados brasileiros. O processo de recolhimento da amostra ocorreu nos anos de 2014 a 2016, e o recorte cronológico das publicações analisadas corresponde ao período de notícias veiculadas nos anos de 2008 a 2015. Em face da procura por um *corpus* inédito, as notícias escolhidas são referentes às Séries B, C e D do Campeonato Brasileiro de Futebol, pois não foram encontrados estudos acerca dessas séries em estudos anteriores.

Os critérios de seleção de cada jornal seguiram inicialmente duas condições, a premissa de que cada periódico deveria apresentar versão digital e cada edição deveria ser originária de uma das regiões brasileiras, de modo que se pudesse cobrir o fator diatópico da amostra sob análise. Após essa etapa, foram selecionadas apenas notícias sobre futebol de campo masculino. As notícias foram transferidas para o *software WordSmith Tools*, originando uma amostra composta por 2674 textos.

Em sua pesquisa, Souza (2018) constituiu um *corpus* composto de 570 textos sobre política que circularam no ambiente virtual, em renomados periódicos brasileiros, publicados entre os anos de 2014 e 2016, cobrindo fatos políticos como o início da *Operação Lava Jato* e o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Os textos são matérias jornalísticas extraídos das páginas de 4 (quatro) colunistas conhecidos no Brasil: Ruth de Aquino (revista *Época*), Mino Carta (revista *Carta Capital*), Ricardo Boechat (revista *Istoé*) e Vladimir Safatle (jornal *Folha de São Paulo*).

Após extração dos textos da *internet*, eles foram copiados para o *Word* e passaram por uma etapa de limpeza, na qual foram excluídas

algumas matérias inteiras não relacionadas ao discurso político e, por vezes, alguns textos no interior da coluna jornalística que também não se inseriam no discurso político, além de imagens, gráficos e ilustrações. Posteriormente, foram renomeados segundo codificação que permitisse fácil identificação e manipulação, a saber: R de revista ou J de jornal + inicial do periódico + iniciais do articulista + ano de publicação + número correspondente ao mês + vogais para diferenciar as edições semanais. Em seguida, os arquivos de textos foram convertidos para o formato *txt*. (sem formatação) e foram submetidos a tratamento semiautomático no *software WordSmith Tools* (Scott, 2008).

Em ambas as pesquisas, as unidades candidatas a fraseologismos foram submetidas ao procedimento metodológico proposto por Mejri (2012) em que se verificou o grau de ocorrência das propriedades mais evidentes desse tipo de estrutura, a saber, polilexicalidade, fixidez, congruência, frequência, previsibilidade e idiomaticidade.

A certificação fraseológica acontece, inicialmente, pela verificação do caráter polilexical da candidata a fraseologismo. Uma unidade como *virar o placar*, por exemplo, que significa promover a alteração da contagem de gols em prol de uma das equipes que estava perdendo e passa a ter uma quantidade de gols maior que sua adversária, apresenta três constituintes: *virar / o / placar*. Esse fator, no entanto, não é suficiente para que se possa afirmar tratar-se ou não de uma unidade fraseológica, o que requer averiguar também o seu grau de fixidez sintática e semântica. Assim, em *virar o placar*, observamos que não é possível a comutação de *virar* por *mudar*, sem que haja comprometimento do sentido veiculado por essa unidade, pois *mudar o placar* constitui outro fraseologismo. Além da restrição em nível paradigmático para a comutação do primeiro elemento do sintagma, também não é possível alterar *placar* por *contador*, por exemplo, pois, apesar de pertencerem ao mesmo campo semântico, este último não integra convencionalmente a estrutura da combinatória, não sendo, portanto, reconhecido como parte do fraseologismo originalmente usado pela comunidade linguística que o consagrou. Não obstante, essa mesma unidade aceita normalmente tanto a conjugação do verbo em *virou o placar* quanto a flexão dos dois constituintes finais: *virar o (s) placar (es)*, o que evidencia seu grau relativo de fixidez, compreendida em uma perspectiva escalar.

Estreitamente relacionada à fixidez e ao uso, tem-se a congruência como um processo de adaptação das sequências sintagmáticas às regras da combinatória e do processo de cristalização lexical. Se a unidade não apresentar as mesmas condições sintático-semânticas e pragmáticas, o sentido do fraseologismo pode ser desfeito, fazendo com que ela passe a ser uma combinação livre da língua, e não mais um fraseologismo, tornando-se incongruente no domínio fraseológico, como *\*virar o contador* (para *virar o placar*), *\*bola interna* (para *bola dentro*), *\*bola externa* (para *bola fora*) etc.

Além das propriedades listadas anteriormente, é necessário averiguar também a frequência de circulação das unidades fraseológicas. Além de Mejri (2012), Corpas Pastor (1996) também enfatiza a importância desse critério, uma vez que a quantidade de vezes que cada unidade é repetida da mesma forma possibilita aos falantes duas fases importantes, uma, referente ao acionamento de uma unidade pré-fabricada e outra, em razão do reconhecimento pelos integrantes da comunidade linguística. Em consonância à frequência e à fixidez, está a previsibilidade. Em relação intrínseca entre si, frequência e previsibilidade possibilitam ao falante observar como os elementos são previsíveis em determinada sequência, como ocorre em *pedalada fiscal*. O não preenchimento da unidade, em *pedalada \_\_\_\_\_*, mostra que é mais provável que o segundo elemento do sintagma seja preenchido por *fiscal*, e não por *tributária*, por exemplo, já que este item lexical não atende ao mesmo propósito que seu similar e não costuma coocorrer com *pedalada*.

Por fim, outro teste proposto por Mejri (2012) diz respeito à idiomaticidade. Esse fator está diretamente ligado ao grau de transparência e opacidade semânticas que circundam as unidades fraseológicas. Em uma unidade transparente, como se observa em *meio de campo*, os elementos que integram a combinatória podem ter seus significados recuperados, já que a noção de localização ainda está presente em *meio* e *campo*. Contudo, em *pedalada fiscal*, a noção de infração orçamentária veiculada pelo conjunto coeso não pode ser aferida a partir da soma do valor significativo de cada constituinte. Nesse caso, é necessário observar o bloco inteiro e o sentido por ele disseminado.

Após a etapa de certificação das propriedades fraseológicas aplicada nas duas pesquisas (Salvador, 2017; Souza, 2018), cada autor

procedeu, então, à elaboração da microestrutura dos verbetes, processo realizado diretamente na plataforma do programa computacional *Lexique pro* (SIL, 2012). Em seguida, as unidades fraseológicas selecionadas também foram submetidas à validação. No estudo de Salvador (2017), os validadores incluíam jornalistas, jogadores e torcedores de futebol. Na pesquisa de Souza (2018), a validação foi feita por dois grupos de informantes nativos do português, sendo um deles formado por 3 (três) especialistas das ciências políticas e o outro composto por 4 (quatro) sujeitos (dois homens e duas mulheres, estratificados por nível de escolaridade – ensino médio completo e ensino superior completo). Por fim, após a validação, as unidades coletadas deram origem a um dicionário fraseológico do futebol e a um glossário de fraseologismos usados no discurso político, em formato impresso e eletrônico, o primeiro constituído por 1316 unidades e o segundo por 438 fraseologismos organizados alfabeticamente. Alguns dos casos fraseológicos encontrados constituem os exemplos citados neste artigo.

No que tange à metodologia empregada neste artigo, ao tomarmos como base as duas pesquisas supracitadas (Salvador, 2017) e (Souza, 2018), propusemo-nos a identificar fraseologismos usados no discurso político que fazem alusão, literal e/ou metaforicamente, ao domínio do futebol, e vice-versa, demonstrando-se o caráter polissêmico da língua, a produtividade fraseológica e a inter-relação entre política e futebol no Brasil. A título de ilustração, tem-se o caso de *pisar na bola* que, além de representar, no âmbito do futebol, a ação de colocar os pés sobre a bola, surge em ambos os domínios investigados com o valor de cometer um deslize.

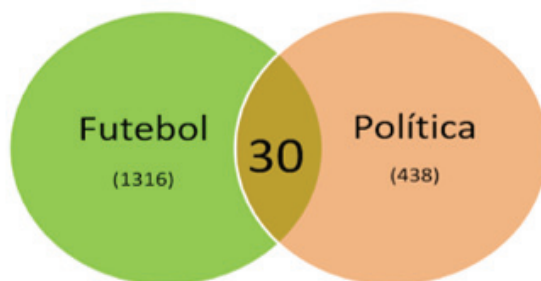
Primeiramente, realizamos um levantamento de possíveis unidades que atenderam ao objetivo deste recorte, por meio da consulta ao glossário de fraseologismos utilizados no discurso político e a uma parte do *corpus* organizado por Souza (2018), ainda não explorada na pesquisa. Identificamos, nesta etapa, 34 fraseologismos. Em seguida, procedemos à consulta dessas mesmas unidades no dicionário do futebol e no *corpus* elaborado por Salvador (2017), a fim de verificar se de fato elas são usadas no universo do futebol, ainda que em contextos e em acepções distintas em relação ao discurso político. Por fim, foram descartados 4 (quatro) fraseologismos porque, embora tenham ocorrência na política, não remetem ao futebol, como *campo da economia*,

*campo democrático, campo da esquerda e campo da política social.* Assim, obtivemos, no total, 30 fraseologismos, que foram analisados do ponto de vista de sua estrutura sintagmática e semântico-pragmática, à luz da vertente fraseológica francesa.

#### 4. Resultados e discussão

Nas pesquisas de Salvador (2017) e Souza (2018), os autores registraram em seus repertórios 1754 fraseologismos. Desse total, foram retirados, para este artigo, 30 unidades fraseológicas, as quais apareceram em ambos os domínios. A interseção entre futebol e política percebida nos números da amostra está ilustrada na Figura 1.

**Figura 1** – Fraseologismos dos *corpora*



Fonte: elaboração própria.

Pela extensão dos *corpora* sob análise, o número de ocorrências que serve aos dois domínios pode ser maior que a quantidade tratada no artigo, porém, para o propósito deste estudo, os casos identificados permitem alcançar o objetivo proposto porque foi possível identificar o tipo de estrutura sintática, os níveis de idiomaticidade e, principalmente, os contextos de uso dessas unidades nos dois domínios. No Quadro 2 estão discriminados os 30 fraseologismos.

Dar uma pedalada fiscal ou marcar um gol de placa?

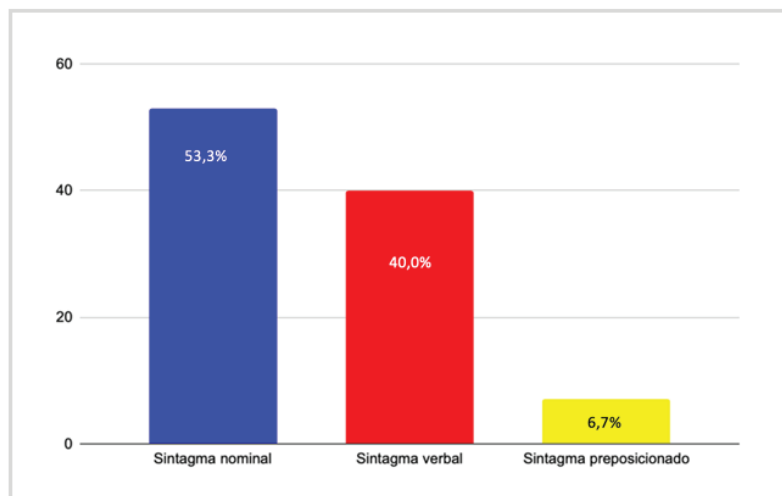
**Quadro 2** – Fraseologismos identificados em ambos os *corpora*

baixar a bola	cartão vermelho	jogar limpo	pedaladas fiscais
bola da vez	dar bola a	levantar a bola	pendurar as chuteiras
bola dentro	de goleada	linha de frente	pisar na bola
bola fora	deixar em campo	marcar gol contra	rei da bola
bola nas costas	em impedimento	marcar gol de placa	virar o placar
campo aberto	entrar em campo	meio de campo	visão de jogo
campo livre	fazer o jogo	mundial da bola	-
campo político	gol contra	pátria de chuteiras	-

Fonte: elaboração própria.

Os exemplos listados no Quadro 2 foram submetidos aos testes fraseológicos propostos por Mejri (2012), e as propriedades constitutivas verificadas permitiram eleger a classificação sintagmática dessas unidades. Em relação à forma, 10 fraseologismos são constituídos por dois elementos e 20 unidades, por três palavras, não havendo casos de estruturas mais extensas, a motivação para esse resultado talvez esteja no fato de se ter a especificidade do olhar dado ao *corpus* coletado. Dentre as 30 ocorrências polilexicais, 16 (dezesseis) delas são sintagmas nominais (*bola da vez*, *bola dentro*, *bola fora*, *bola nas costas*, *campo aberto*, *campo livre*, *campo político*, *cartão vermelho*, *gol contra*, *linha de frente*, *meio de campo*, *mundial da bola*, *pátria de chuteiras*, *pedaladas fiscais*, *rei da bola* e *visão de jogo*).

Os demais casos da amostra distribuem-se em 12 (doze) sintagmas verbais (*baixar a bola*, *dar bola a*, *deixar em campo*, *entrar em campo*, *fazer o jogo*, *jogar limpo*, *levantar a bola*, *marcar gol contra*, *marcar gol de placa*, *pendurar as chuteiras*, *pisar na bola* e *virar um placar*) e dois sintagmas preposicionais (*de goleada* e *em impedimento*). A distribuição dessas estruturas está mais bem ilustrada no Gráfico 1.

**Gráfico 1** – Estrutura sintagmática dos fraseologismos

Fonte: elaboração própria.

Observamos que 53,3% dos exemplos encontrados são sintagmas nominais, 40% são sintagmas verbais e 6,7% sintagmas preposicionados. A organização interna desses fraseologismos aponta para termos com os itens *jogo* (*fazer o jogo* e *visão de jogo*) e *gol* (*gol contra*, *marcar gol contra* e *marcar gol de placa*), próprias do campo do futebol. Além disso, alguns dos exemplares trazem em sua constituição interna o item lexical *bola* ancorando parte do sintagma, o qual ocupa diferentes posições na estrutura. Em seis casos de sintagmas nominais, essa palavra integra parte da unidade fraseológica (*bola da vez*, *bola dentro*, *bola fora*, *bola nas costas*, *mundial da bola* e *rei da bola*).

O item *bola*, portanto, demonstrou ser muito produtivo na amostra analisada, aparecendo como elemento constitutivo de 10 fraseologismos no total, sendo quatro sintagmas verbais e seis sintagmas nominais, conforme apresentamos, a seguir, na Figura 2, sob a forma esférica da representação em nuvem de palavras.



Dar uma pedalada fiscal ou marcar um gol de placa?

**Figura 2** – Nuvem de palavras que compõem fraseologismos com o item *bola*



Fonte: elaboração própria.

De fato, a palavra *bola*, para o futebol, figura na língua em muitos fraseologismos e, no plano simbólico, nomeia sua principal marca, isto é, o objeto esférico imprescindível com o qual os jogadores constroem histórias que vão desde a pelada, nos campinhos da periferia, até aos grandes campeonatos que atraem inúmeros torcedores e movimentam milhões de reais.

O vocábulo *campo* também se mostrou produtivo ao figurar em seis fraseologismos, sendo quatro sintagmas nominais (*campo aberto*, *campo livre*, *campo político* e *meio de campo*) e dois sintagmas verbais (*deixar em campo* e *entrar em campo*). Naturalmente, essa produtividade justifica-se pelo fato de o campo constituir o espaço, geometricamente delineado, por excelência do futebol.

Além dos casos listados anteriormente, há fraseologismos que apresentam forma híbrida, com ou sem elementos propriamente da área futebolística, são eles: *cartão vermelho*, *linha de frente*, *pedaladas fiscais*, *pátria de chuteiras* e *virar um placar*. Nessa lista, *cartão vermelho*, por exemplo, é um objeto usado para sinalizar a expulsão de um ou mais jogadores de campo, sendo muito utilizado também em situações cotidianas para indicar que alguém ou algo deve ser parado.

Após o levantamento feito em relação ao fator estrutural, foi possível realizar o cruzamento das propriedades para aferir o quão idiomático cada exemplar poderia ser. Assim, também o critério da idiomaticidade das unidades foi verificado. O traço conotativo cumpre, no caso específico do domínio político, espaço em que os fraseologismos foram utilizados, a função não apenas de nomear, mas de equiparar as relações de ênfase dadas às atividades políticas.

A análise mostrou que houve maior produtividade de fraseologismos idiomáticos (85%) do que nos fraseologismos não idiomáticos (15%). Segundo Mejri (2012), tal fato reflete o caráter criativo dos falantes, neste caso, a criatividade dos articulistas dos periódicos fonte da coleta, o que pode ser comprovado no trecho a seguir em que se destaca o fraseologismo *meio de campo*:

Entre a Copa e a eleição, teremos pouco tempo para debater nossos desafios e entender como cada partido pretende escalar os times de governo. Algumas semelhanças os políticos têm com a Seleção. Falta **meio de campo**. Os partidos se concentram no ataque e na defesa, abusam de passes errados. Falta conjunto, sentimento de equipe. Talentos individuais não mudam o rumo do Brasil. O desespero faz o capitão do time (ou a capitã) se esconder, com medo de falhar na frente de todos e bater para fora. Líderes de partidos dão chutões para a frente, sem saber onde a Brazuca vai parar (RERA14M7b).

No trecho em evidência, a relação entre futebol e política fica explícita, pois o autor faz uso de um mecanismo metafórico em que ele equipara a política ao contexto futebolístico. *Meio de campo*, fraseologismo originário do futebol, o qual pode ser utilizado para denominar o jogador que ocupa a posição central na equipe, mas também pode se referir ao espaço central do campo de futebol, é referenciado no domínio político com a noção de ineficácia dos componentes centrais do governo que atuam em diferentes frentes de trabalho.

Em mais um trecho, podemos verificar como o fator idiomaticidade opera na relação de sentido do fraseologismo. Em *pendurar as chuteiras*, uma clara alusão a uma das ferramentas mais usuais do futebol, o par de calçados que os jogadores e goleiros usam, chuteiras, perde seu valor denotativo e assume um sentido figurado, como podemos verificar abaixo:

Dar uma pedalada fiscal ou marcar um gol de placa?

#### Em impedimento

Não será pacífica a tentativa de mudar a Lei Pelé, para permitir que um jogador de futebol vire técnico profissional, após **pendurar as chuteiras**, sem formação em educação física. O deputado federal José Rocha, que lidera movimento nesse sentido, ouviu em sessão da Comissão de Esporte, na segunda-feira 5, Vágner Mancini, treinador do Botafogo. “Ele é um que está ilegal na profissão”, acusa Jorge Steinhilber, presidente do Conselho Federal de Educação Física, crítico da mudança. (RIRB14M5b).

Como visto, em *pendurar as chuteiras*, o sentido do fraseologismo não pode ser obtido nem a partir de *pendurar*, nem de *chuteiras*. Nesse caso, ambos os constituintes sofrem um desvio do valor denotativo e só podem ser entendidos pelo conjunto da combinatória. Além de suas acepções denotativas, um terceiro sentido, resultante do bloco coeso, passa a figurar, aquele que se refere à pessoa que goza de aposentadoria, que não mais exerce determinada profissão. Por não ser dedutível do valor individual, podemos dizer que se trata de um fraseologismo opaco em contraponto com um fraseologismo transparente. Nesse último caso, pelo menos um dos constituintes preserva a ideia de sua acepção inicial, tal como ocorre na maioria dos exemplos que carregam a palavra *bola*.

Para além dos fatores sintagmáticos e de idiomaticidade observados nos exemplos fraseológicos coletados, pensamos ser pertinente verificar ainda o caráter discursivo que cada unidade veicula. A dupla faceta de uso da mesma forma, isto é, com sentido denotativo e com sentido figurado, possibilita aos fraseologismos o trânsito entre um domínio e outro. Isso se deve ao fato de o fraseologismo possuir uma dupla estruturação semântica (Mejri, 1997). O trecho abaixo apresenta o fraseologismo originário do futebol *bola nas costas* encaixado no discurso político.

A Prefeitura de São Paulo fará licitação internacional da PPP de iluminação de ruas e praças da cidade. A minuta do edital e do contrato sob consulta pública prevê a contratação de empresa externa para ser “verificador independente” da futura concessionária. O Tribunal de Contas (TCM-SP) achou tal exigência uma ***bola nas costas***. Diz ter competência constitucional de sobra para instaurar procedimentos de apuração sobre o edital, o contrato e sua execução a qualquer tempo, compreendendo todos os custos e contratações diretas e indiretas da PPP. (RIRB14M10d).

A dupla articulação de sentido presente em *bola nas costas*, o qual, no futebol, significa ter a bola lançada na direção traseira de um jogador da mesma equipe, se refere, nesse contexto político, especificamente, ao ato de sugerir uma possível traição, portanto, com conotação negativa.

Em outro trecho coletado, a jornalista Ruth de Aquino, ao discorrer sobre a fala do então secretário de turismo do Rio de Janeiro, Antônio Pedro Figueira de Mello, em 2014, em relação à falta de preparação do Brasil para receber o público de pessoas com deficiência na Copa do Mundo, caracteriza a justificativa do secretário como uma verdadeira *bola fora*:

O secretário de Turismo do Rio de Janeiro e homem de confiança do prefeito Eduardo Paes, Antônio Pedro Figueira de Mello, disse que “o Rio não é a Suíça”, ao se referir às longas filas que os turistas terão de enfrentar na cidade. Antônio Pedro também reconheceu que o Rio não se preparou para receber deficientes porque, na Copa do Mundo, “não há tanto esse público”. Depois pediu desculpas pela *bola fora*. (RERA14M6a).

Nesse excerto, notamos que o fraseologismo proveniente do futebol, *bola fora*, serve para indicar que a fala do secretário de turismo foi infeliz, isto é, foi um erro, desrespeitosa para com as pessoas que apresentam algum tipo de deficiência.

Em outro trecho, a articulista novamente mobiliza um fraseologismo do domínio do futebol para formular sua crítica ao governo Dilma Rousseff. Desta vez, usa a unidade *pisar na bola*, que significa cometer um deslize, um erro, conforme observamos em:

Deixa que digam, que pensem, que falem. Você comemorará cada gol brasileiro na Copa, se emocionará a cada vitória, sofrerá se nossos craques *pisarem na bola*, vai gritar e até chorar. Isso não significa que, fora do estádio ou do sofá, você precise parar de criticar o péssimo planejamento deste Mundial, a inadmissível quebra de promessas para a população, a aparente roubalheira nas obras superfaturadas e o inferno dos serviços públicos. O Brasil tem abusado de nossa cordialidade, nossa paciência e nosso otimismo, ano após ano. (RERA14M6a).

Outros exemplos de encontro da política e do futebol, mediado pelo uso estratégico de fraseologismos, se referem ao contexto das

Dar uma pedalada fiscal ou marcar um gol de placa?

eleições municipais de 2016, especificamente na disputa pela prefeitura de Belo Horizonte, da qual participavam dois ex-integrantes do Clube de Futebol Atlético Mineiro: João Leite (PSDB) e Alexandre Kalil (PHS). Tendo esse cenário como pano de fundo, o articulista, ao analisar essa conjuntura política, escolhe o fraseologismo *deixar em campo* para mostrar que os dois adversários provavelmente voltariam a se enfrentar em um eventual segundo turno, como afirma a seguir:

A polarização eleitoral em Belo Horizonte *deixa em campo* um goleiro e um cartola, ambos ligados ao Atlético Mineiro. João Leite, hoje deputado estadual (PSDB), é o candidato à frente nas pesquisas (33% segundo o Ibope). Em seguida, Alexandre Kalil (PHS) (22%), ex-presidente do clube. Os demais perderam fôlego. O ex-goleiro parece ter gás para avançar, mas todos os grupos contrários ao PSDB devem se unir em prol de Kalil – o que pode levar o mata mata atual para um segundo turno, de imprevisível resultado, por ora. (RIRB16M9d).

Em outro caso, *entram em campo*, cujo contexto está destacado abaixo, constitui um fraseologismo que, no futebol, indica o ato denotativo de adentrar o campo para realizar a partida; no exemplo em destaque, simboliza a disposição dos políticos Aécio e Anastasia como reforço político à campanha de João Leite.

Os senadores Aécio e Anastasia *entram em campo* com o tucano João Leite, deputado estadual, pastor evangélico e ex-jogador do Atlético Mineiro. Ainda há fila à beira do **gramado eleitoral**. Em BH, a classe média tem peso decisivo e, desde 1988, faz com que os candidatos populistas não tenham vez. (RIRB16M7c).

Ainda no mesmo trecho, o jogo conotativo na escrita do autor evidencia mais uma alusão ao esporte bretão expresso por *gramado eleitoral*, em clara referência ao domínio do futebol.

Outro caso dessa inter-relação está explícito em *marcou gol de placa*. Muito utilizado no futebol, esse fraseologismo designa o tento feito com muita destreza e domínio de bola, sendo também produtivo em inúmeras falas cotidianas, em diversos contextos. No âmbito político da amostra, aparece como uma fala de valor positivo, pois o articulista ressalta o fato de os ministros do STJ estabelecerem apenas o ajuste de custos de processos com base na correção monetária, e não mais

a alta taxa de juros a que o povo brasileiro está sujeito a pagar, uma ação que representa vitória para o consumidor, na visão do jornalista.

Na semana passada, ao editar seus novos recursos repetitivos, o STJ **marcou gol de placa**. A partir de um processo (1.372.688) sobre expurgos inflacionários de planos econômicos editados de 1986 a 1994 ficou pacificado que cabe correção monetária ao investidor – não juros remuneratórios – do início da ação ao fim da obrigação de pagar. A decisão dos ministros das 3ª e 4ª turmas, a partir de agora, tem que ser seguida pelos tribunais de justiça e demais tribunais regionais federais. (RIRB15M6c).

O item lexical *gol* aparece ainda em outro fraseologismo, *gol contra*, em que a articulista explora simultaneamente os sentidos atualizáveis no discurso do futebol e no discurso político, para indicar que, na comparação entre o jogador Marcelo, o qual marcou o primeiro gol (contra) da Copa de 2014, no Brasil, e o ex-presidente Lula, este cometeu um grande equívoco ao escolher Dilma Rousseff como sua sucessora, como se vê abaixo:

O primeiro **gol contra** não foi do Marcelo. Foi do técnico Lula. Há quatro anos, ele convocou como artilheira seu poste querido, inexperiente no gramado político, sem talento para driblar adversidades, sem criatividade para **virar um placar**, sem carisma para liderar companheiros, sem **visão de jogo** para lançamentos longos, sem precisão nos cruzamentos, sem vocação para trabalho de equipe. Uma capitã sem a generosidade do passe, sem a humildade da autocrítica, sem o brilho que encanta, sem sorriso, sem suor, sem humor. Dilma foi imposta por Lula até a aliados relutantes. (RERA14M6c).

Nesse mesmo trecho, encontramos *virar um placar* e *visão de jogo*, ambos fraseologismos produtivos no domínio do futebol, que significam, respectivamente: reverter a quantidade de gols de uma equipe em relação à sua adversária e estratégia de técnicos e jogadores para exercer o domínio de jogo. Por sua vez, no discurso político, no jogo metafórico estabelecido, a articulista considera que a ex-presidente Dilma, embora fosse a artilheira, não reunia as melhores qualidades para ser uma boa jogadora, uma vez que lhe faltava habilidade para implementar as mudanças necessárias ao país, bem como a visão de conjunto que uma líder precisaria para conduzir adequadamente a nação.

Dar uma pedalada fiscal ou marcar um gol de placa?

Assim como *gol contra*, o futebol também apresenta outros fraseologismos relacionados a cometimento de erros durante a partida, como a forma ampliada *marcar gol contra*, que se refere a marcar um gol contra a própria equipe. Desse modo, ao analisar o problema das dívidas fiscais dos clubes de futebol brasileiros, as políticas de refinanciamento e o próprio desempenho dos times nos campeonatos, como na Copa de 2014, o articulista Ricardo Boechat afirma que os cartolas, além de não cumprirem adequadamente o pagamento do fisco, não parecem ter obtido bons resultados, pois voltaram a *marcar gol contra*:

Agora que a Copa acabou, a aprovação de projeto de lei de refinanciamento das dívidas fiscais dos clubes voltará à tona. Dilma Rousseff vê a proposta com desconfiança. Com razão. Os cartolas se comprometem a um novo cronograma de pagamento ao fisco, atrasam as prestações e vão num eterno sem-fim pedir mais dinheiro, prazo, juros baixos, etc. E voltam a **marcar gol contra**. (RIRB14M7b).

Por fim, destacamos um último caso de fraseologismo que expressa a inter-relação entre política e futebol entrelaçados pela fraseologia da língua. Trata-se do sintagma *campo político*, o qual reúne dois itens lexicais que nomeiam os dois domínios em tela. *Campo* representa o gramado de futebol e serve para a nomeação de áreas de atuação, enquanto *político* se refere ao governo e assuntos públicos, quando tidos individualmente. Embora possa ser empregado no sentido de domínio ou área de especialidade, o termo *campo*, graças à produtividade polissêmica da língua e ao caráter reciclador do *figement* (Mejri, 1997), também poderia aludir, metaforicamente, associado ao adjetivo político na estrutura sintagmática, ao gramado do futebol onde o jogo ocorre, como visto no excerto a seguir:

No **campo político**, para muitos, o jogo está definido. Ao contrário do que afirmou Michel Temer em sua primeira reunião ministerial em maio, na quinta-feira 25 vários retratos de Dilma foram retirados das paredes do Palácio do Planalto, sobretudo no 3º e 4º andares, onde funcionam a Presidência da República, a Casa Civil e a Secretaria Geral de Governo. (RIRB16M8d).

Assim, demonstramos, por meio desses exemplos de uso, que existe uma simbiose muito profícua entre futebol e política no campo linguístico da fraseologia. Essa relação amistosa se deve, por um lado,

ao caráter central e dinâmico da fraseologia nas línguas naturais e, por outro, aos valores socioculturais associados a esses dois domínios da vida social brasileira, que permitem, no jogo criativo da linguagem, explorar diferentes significados e provocar inúmeros efeitos de sentido, comumente estabelecidos na intenção de persuadir e engajar o interlocutor/torcedor/eleitor/cidadão.

## 5. Considerações finais

A proposição deste artigo teve como enfoque principal descrever e analisar fraseologismos do futebol que se manifestam em discursos no campo político. Os *corpora* analisados mostraram que a produtividade dessas unidades acontece com regularidade mesmo em registros escritos, em que a quebra da formalidade em relação à norma culta é pouco aceitável por parte de leitores que esperam uma linguagem mais refinada.

Do ponto de vista fraseológico, as unidades analisadas têm como característica estrutural o fato de constituírem sintagmas nominais em maior número que os sintagmas verbais. Quando colocado sob análise o aspecto referente ao grau de opacidade e transparência, detectamos que a maioria delas apresenta opacidade, ou seja, são unidades fraseológicas com alto teor de conotação, pois o sentido delas não pode ser recuperado pelo significado individual dos constituintes da combinatória. Nesse jogo lexical, a mais escolhida pelos autores dos periódicos foi o item *bola*, sendo base de pelo menos 10 das 30 unidades fraseológicas estudadas.

Por fim, concluímos que realmente futebol e política se cruzam no campo linguístico. Essa relação é expressa não apenas por meio de termos monovocabulares que servem aos dois domínios. Essa relação é encontrada também em suportes fraseológicos, entremeados de traços conotativos que visam sobretudo chamar a atenção de torcedores e eleitores. O *jogo político* se faz mais dinâmico quando se aproxima da linguagem que a maioria da população compartilha. Estádios de futebol lotados agregam milhares de eleitores que, em última instância, podem oferecer o tão desejado voto nas urnas. Os políticos, jornalistas e comentaristas, cientes dessa noção de coletividade proporcionada



Dar uma pedalada fiscal ou marcar um gol de placa?

pelo *esporte das massas*, fazem manobras linguísticas que agregam, aproximam cada vez mais os donos dos gramados e das urnas.

## Conflito de interesses

*Declaramos não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo.*

## Contribuição dos autores

*Nós, Carlene Ferreira Nunes Salvador e Davi Pereira de Souza, declaramos, para os devidos fins, que todos nós participamos da conceptualização do estudo, metodologia, desenho do estudo, análise formal dos dados, análise estatística dos dados, aquisição de financiamento, administração do projeto, supervisão do projeto, coleta dos dados, geração dos dados, validação dos dados, edição e visualização dos dados, escrita do artigo e edição final do artigo. Sendo assim, aprovamos a versão final do manuscrito e somos responsáveis por todos os seus aspectos, incluindo a garantia de sua precisão e integridade. Sem mais.*

## Referências

- Barbosa, M. A. (2012). A fraseologia no percurso gerativo de enunciação de codificação: no sistema, nas normas, no falar concreto. In M.L. Ortiz Alvarez (Ed.), *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. (pp. 247-254). Pontes Editores.
- Corpas Pastor, G. (1996). *Manual de fraseologia espanhola*. Gredos.
- Corpas Pastor, G., & Ortiz Alvarez, M. L. (2017, agosto 22). Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Gloria Copas Pastor. *REVEL*, 15(29), 261-270. <http://www.revel.inf.br/files/59c0f4bc2bb047821269aa0981caa08e.pdf> (Acessado 01 março, 2023).
- Ferreira, A. B. de H. (2004). *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Editora Positivo.
- Mejri, S. (1997). *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Publications de la faculté des lettres de la Manouba.
- Mejri, S. (2012). Délimitation des unités phraséologiques. In M.L. Ortiz Alvarez (Ed.), *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia* (p. 139-156). Pontes Editores.

- Monteiro-Plantin, R. S. (2014). *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna*. Imprensa Universitária.
- Ortiz Alvarez, M. L. (2000). *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual de Campinas. <https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/74282/expressoes-idiomaticas-do-portugues-do-brasil-e-do-espanhol> (Acessado 01 março, 2023).
- Salvador, C. F. N. (2017). Estudo das fraseologias do futebol brasileiro das Séries B, C e D em jornais digitais populares: construção de um dicionário eletrônico. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Pará. <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/12301> (Acessado 01 março, 2023).
- Scott, M. (2008). *WordSmith Tools, versão 5.0*. Lexical Analysis Software.
- Silva, S. (org.). (2014). *Fraseologia & Cia – entabulando diálogos reflexivos*. Pontes Editores.
- Souza, D. P. de. (2018). *Fraseologismos no discurso político brasileiro: uma proposta de glossário*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Pará. <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/11613>
- Tagnin, S. E. O. (2011). Linguística de Corpus e Fraseologia. In M. L. Ortiz Alvarez & E. H. Unterbäumen (Eds.), *Uma (Re)visão da Teoria e da Pesquisa Fraseológicas* (pp. 277-302). Pontes Editores.

Recebido em: 13.09.2020

Aprovado em: 07.12.2021